

BARROSO PEREIRA – Herói mineiro da Marinha do Brasil

ANTÔNIO TÂNGARI FILHO*
Capitão de Corveta (Ref^o-IM)

SUMÁRIO

Introdução
Origens e Grupo Familiar
A Intendência dos Diamantes
Início da carreira em Portugal
Retorno ao Brasil
Seu último comando
Conclusão

INTRODUÇÃO

O Capitão de Fragata (CF) Luiz Barroso Pereira tem lugar de destaque nas tradições da Marinha, tanto assim que um dos navios-transporte da força, já fora do Serviço Ativo, teve, em 13 de dezembro de 1953, a quilha batida com seu nome: Navio-Transporte de Tropas *Barroso Pereira*, G 16, o “Barrosão”.

O presente ensaio sobre o herói foi direcionado especialmente para suas origens

e sua formação profissional, mostrando uma vida dedicada exclusivamente à Marinha, desde os 15 anos de idade até sua morte em combate, no comando de uma belonave da Marinha Imperial do Brasil.

Por não ser muito divulgada sua trajetória no Brasil, que foi curta, porém coberta de glória, e por ser também um marinheiro das Minas Gerais, este autor teve motivação para estudá-lo um pouco mais.

Com tal propósito, além de buscas na internet via Wikipédia, foi consultada

* Economista. Colaborador da *Revista Marítima Brasileira*.

documentação da Marinha considerada de conhecimento público e não reservada. De muita valia foram leituras sobre temas relevantes, tais como as Guerras Navais da Independência e da Cisplatina, assim com notas biográficas de personagens relacionados com o ensaio, muito bem elaboradas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) e pelo antigo Serviço de Documentação Geral da Marinha.

Necessário se faz registrar que, em seu resumo biográfico, Barroso Pereira é citado como historiador e que teria escrito “História sobre a Marinha”. Fica para uma próxima oportunidade um estudo sobre esse documento, por não ter sido identificado nas buscas feitas pelo presente autor.

ORIGENS E GRUPO FAMILIAR

O futuro Capitão de Fragata Barroso Pereira nasceu no ano de 1786 no Arraial do Tejuco, atual Diamantina. A histórica cidade situa-se bem próxima das nascentes do Rio Jequitinhonha, na Serra do Espinhaço, centro-norte de Minas Gerais. Como o nome atual indica, era a “terra dos

diamantes no Brasil”, incluindo também o município vizinho, antigo Serro Frio.

Luiz foi o segundo dos quatro filhos do desembargador Antônio Barroso Pereira e de Mariana Jacinta de Macedo. Batizado e registrado na Igreja de Santo Antonio no Tejuco, teve como padrinho Luiz Beltrão de Gouveia e Oliveira, um amigo de seu pai, companheiro dos tempos de estudante em Coimbra, Portugal, no curso de bacharelado em Direito. Beltrão também exerceu os cargos de ouvidor e intendente dos Diamantes.

Sua mãe, mineira de São João Del Rey, era filha do fazendeiro José de Rabello de Macedo e de Maria de Carvalho Duarte. A fazenda dos seus avós ficava bem próxima da divisa das províncias do Rio e de Minas, entre os rios Paraíba, Piabanha e Paraíba do Sul, nos caminhos para Mar de Espanha. Conhecida à época como Entre Rios, é a região do atual município de Três Rios (RJ). O distrito de Entre Rios, quando foi alçado a município, teve que mudar de nome, pois já havia duas cidades com o nome de Entre Rios, uma em Minas e outra na Bahia.

Seu pai era português de família da cidade histórica de Santa Maria do Salto, de



Diamantina
Fonte: Wikipédia

onde eram também os ancestrais dos duques de Bragança, que então reinavam em Portugal. Tinha parentes também na cidade do Porto. Seu irmão um ano mais velho, Bento Barroso Pereira, também nascido no Tejuco, foi brigadeiro, ministro da Guerra e senador do Império. Seu outro irmão, Antônio Barroso Pereira, não se dedicou à carreira militar, mas à administração das propriedades rurais da família, tendo recebido o título de Primeiro Barão de Entre Rios, em reconhecimento por seus serviços prestados ao desenvolvimento da região. Sua irmã, Madalena Maria Pereira de Carvalho, desposou o alferes Damaso José de Carvalho, ficou viúva ainda nova e também era fazendeira.

A mãe de Barroso Pereira, bem mais jovem que o primeiro marido, tornou a se casar após enviuvar. Não teve filhos desse segundo casamento e ficou novamente viúva. Dessa forma, após seu falecimento, suas fazendas passaram por herança, na década de 1840, aos filhos ainda remanescentes do primeiro casamento, Antônio Barroso Pereira e Madalena Maria Pereira de Carvalho.

Com a introdução do plantio do café, as propriedades rurais da família prosperaram. Mudaram de donos e de nomes em

várias oportunidades. A casa principal da Fazenda da Santarém, construída em terras que pertenceram à família de Barroso Pereira, dá uma ideia da opulência das fazendas de café da região.

A INTENDÊNCIA DOS DIAMANTES

Antes de entrar propriamente no ensaio sobre o Comandante Barroso Pereira, cabe um esclarecimento quanto à existência no Arraial do Tejuco, feito por um representante da Coroa Portuguesa na função de Intendente dos Diamantes, cargo criado em 1734.

Na segunda década do século XVIII, foi descoberto que, no Rio Jequitinhonha e em seus pequenos afluentes, eram encontrados diamantes de excelente grau de pureza, retirados dos rios com o peneiramento da água por meio de bateias, onde brilhavam, ao final, as lindas pedras de grande valor. Tal atividade extrativa – que continua, de maneira predatória, por meio de barcaças que varrem o fundo do leito do Rio Jequitinhonha – cresceu de tal forma naquela época que Portugal estabeleceu um controle de sua exploração, instituindo elevadas taxas na sua comercialização.

Dessa forma, surgiu também a necessidade de se ter um alto funcionário, nomeado pela Corte, encarregado de controlar o pagamento das taxas e o fluxo da exploração e do comércio dos diamantes. Tal era a função do desembargador Antônio Barroso Pereira, pai do personagem deste artigo, exercida até 1789. Ele também foi



Casa principal da Fazenda da Santarém
Fonte: Wikipédia

ouvidor da Intendência dos Diamantes (fiscal), de 1782 até 1786, ano em que, nomeado por Dona Maria I, rainha de Portugal, assumiu o cargo de intendente, sendo seu o oitavo ocupante.

INÍCIO DA CARREIRA EM PORTUGAL

Barroso Pereira, conforme afirma o Barão do Rio Branco na biografia que escreveu em 1861, estava destinado para a Marinha. Seu pai, após regressar ao Rio de Janeiro, enquanto se dedicava a cuidar das terras que obtivera próximas da fazenda do seu sogro, preocupava-se em preparar seu filho para ser oficial da Marinha. Coroando esse esforço, Luiz foi admitido, aos 15 anos, na Academia Real de Marinha de Lisboa. Em 1802, concluiu ele seus estudos, “tendo-se distinguido por um talento espantoso e por uma aplicação não vulgar”, conforme afirma o Barão do Rio Branco na biografia já citada.

Barroso Pereira teve uma passagem pela Academia da Marinha britânica. O relacionamento da Grã-Bretanha com Portugal era muito grande na época, não só pelos interesses comerciais, mas também

porque, em conjunto, faziam oposição aos sonhos de Napoleão de conquistar toda a Europa.

Naqueles tempos, não havia Academia da Marinha no Brasil. Nossa Escola Naval somente foi criada em 1808, com a vinda de D. João VI e da Corte para o Brasil.

Com justo orgulho, este autor menciona que pertence à Turma do Sesquicentenário da Escola Naval – Guardas-Marinha de 1958, tendo sido, por este motivo, um dos convidados para assistir à Declaração a Guardas-Marinha da Turma do Bicentenário, em 2008.

Após ser comissionado como tenente pela Marinha de Portugal, Barroso Pereira foi convocado para as lutas contra a ocupação francesa na Península Ibérica. Teve participação de destaque na expulsão das tropas francesas que, sob o comando do General Massena, ocupavam terras de Portugal. Naqueles tempos difíceis da guerra contra Napoleão, Barroso Pereira assumiu o comando de uma das canhoneiras que bloqueavam o recebimento de suprimentos pelos franceses via Rio Tejo. Essas canhoneiras foram instrumentos importantes para as vitórias das forças britânicas e de Portugal nas lutas



Frete e verso da Medalha Comemorativa do Sesquicentenário de Criação da Escola Naval da Marinha do Brasil
Acervo do autor

pela cidade de Santarém e seu entorno, próxima de Lisboa.

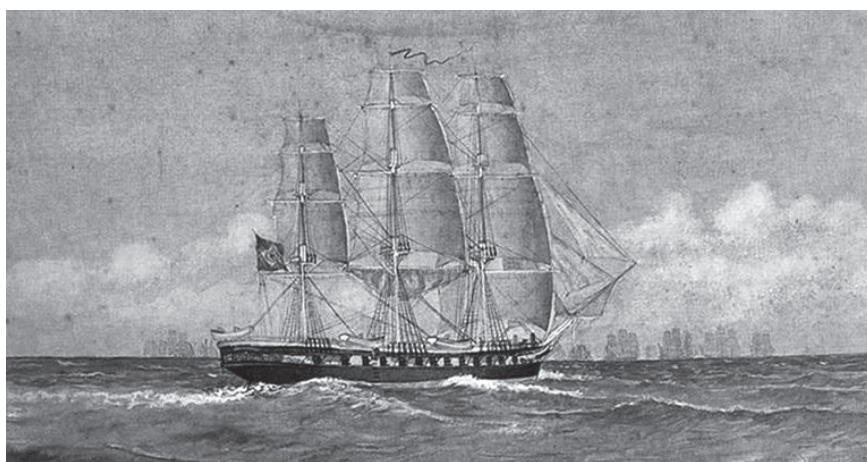
Sofrendo vários reveses, as tropas francesas iniciaram sua retirada de Portugal a partir de março de 1811. A atuação das canhoneiras nas ações contra os franceses foi muito reconhecida pelo Alto Comando da Marinha de Portugal.

REGRESSO AO BRASIL

Solucionado o impasse das lutas contra Napoleão na Península Ibérica, Portugal pôde se dedicar com mais afinco aos problemas militares nos territórios no Novo Mundo. Em 1816, enviou tropas para o Brasil sob o comando do General Carlos Frederico Lecor, embarcadas na Esquadra portuguesa, comandada pelo Chefe de Divisão Rodrigo José Ferreira Lobo. No País, ocorriam conflitos relacionados com a Província Cisplatina, que, além de Brasil e Portugal, envolviam a Argentina e a região do atual Uruguai.

Nosso herói teve, então, a oportunidade que tão ansiosamente aguardava: voltar à sua pátria natal para prestar serviços ao Brasil. E já com bastante experiência,

obtida nos embates contra a Marinha francesa. Participando das ações da Esquadra portuguesa nas lutas no sul do país, Barroso Pereira destacou-se por sua tenacidade, perícia e gallardia e por seu fino trato, conforme palavras de Rodrigo Lobo. Foi, então, indicado ao General Lecor para ser seu representante junto aos dirigentes de Buenos Aires nas negociações para o fim do conflito, que foram bastante espinhosas. De oficial da Marinha a diplomata! E dessa missão saiu-se, mais uma vez, de forma impecável. Permaneceu no Sul do Brasil até as vésperas da declaração da Independência, quando, já estando no Rio de Janeiro, aderiu na primeira hora à separação de Portugal. O imperador D. Pedro I, ciente da necessidade de fortalecer a Marinha em formação, contratou oficiais, na sua maioria ingleses, que comandaram seus principais navios e designou oficiais brasileiros natos para os demais cargos importantes. Desta forma, Barroso Pereira, com duas experiências de guerras navais, foi designado segundo comandante (imediate) da Fragata *Nictheroy*, sob o comando de John Taylor, oficial oriundo da Marinha britânica.



Fragata *Nictheroy*
Fonte: Wikipédia

A Fragata *Nictheroy* pertenceu à Armada do Portugal, com o nome de Fragata *Sucesso*, antes de aderir à Independência.

Por caprichos da História, o imediato Barroso Pereira e o voluntário a guarda-marinha Joaquim Marques Lisboa (futuro Marques de Tamandaré e Patrono da Marinha), um dos seus bravos tripulantes, estiveram juntos na Fragata *Nictheroy*, lutando contra os portugueses pela independência do nosso país. Podemos fazer apenas uma ideia dos ensinamentos que o experiente imediato terá passado para o então jovem tripulante.

A bordo da Fragata *Nictheroy*, Barroso Pereira participou do bloqueio do porto de Salvador e da perseguição da frota portuguesa até a foz do Rio Tejo, regressando a fragata ao Brasil com várias presas de valor, tomadas às forças navais de Portugal. Teve ainda, em razão da sua passagem pela Academia Naval Britânica, a oportunidade de servir como intérprete para o Comandante John Taylor, principalmente perante a tripulação.

Chegando ao Rio de Janeiro vitorioso, John Taylor manifestou-se de forma altamente elogiosa a respeito do seu imediato, o que levou o imperador a conceder a Ordem do Cruzeiro a Barroso Pereira, jovem com menos de 40 anos de idade. Foi também, meritoriamente, nomeado comandante da Fragata *Imperatriz*, que se encontrava no Pará, tornando-se um dos primeiros oficiais da Marinha Imperial nascidos no Brasil a receber encargo de tal responsabilidade.

Antes de ir para o Pará, passou, ainda, por Pernambuco, a bordo da Fragata *Nictheroy*, no bloqueio do porto do Recife. Nessa ocasião, realizou mais uma missão “diplomática”. Por designação do Comandante John Taylor, reuniu-se com os revoltosos da Confederação do Equador, no Conselho Geral que havia

sido convocado. Diante do líder Manoel de Carvalho Paes de Andrade e de demais apoiadores da revolução, apesar de estar só, não tergiversou. Mostrou de forma desassomburada aos revoltosos que aquela atitude em nada contribuía para a Independência e que as ações do Governo Imperial visavam manter o Brasil isento de divisões internas que abalasses a sua integridade territorial.

SEU ÚLTIMO COMANDO

Concluída a missão em Recife, Barroso Pereira partiu para o Pará, onde assumiu o comando para o qual havia sido designado, seguindo, posteriormente, com a Fragata *Imperatriz* rumo ao Rio de Janeiro.

Mal havia atracado, teve já um novo encargo. Foi enviado ao Sul do Brasil, onde ocorriam novas lutas, agora com a Argentina, envolvendo mais uma vez a região do atual Uruguai, então Província Cisplatina do Brasil. Seguiu para Montevideu na Força Naval Imperial, comandando a Fragata *Imperatriz*.

A Esquadra brasileira ficou fundada ao largo do porto de Montevideu, dando uma demonstração de força diante da incipiente Armada argentina de então, que naquela época se valia mais de atividades corsárias. Os comandantes dos navios argentinos realizavam ações esporádicas, por saberem que não poderiam enfrentar frente a frente a Força Naval brasileira. Conforme relata ainda Rio Branco, Barroso Pereira considerava que deviam ser tomadas ações decisivas pela nossa Esquadra.

Embora esperasse uma ação mais enérgica da parte do comandante da Força Naval do Brasil (ainda segundo Rio Branco), Barroso Pereira cumpriu fielmente suas determinações, permanecendo fundeado bem próximo ao porto,

juntamente com a Fragata *Nictheroy*, que estaria em “fabrico” (expressão usada por Rio Branco), possivelmente fazendo algum reparo ou manutenção.

Em 24 de abril de 1826, o Almirante Brown, oficial britânico, adentrou ao porto, seguido de outros navios da Esquadra argentina, sob seu comando. Como a Força Naval do Brasil estava a uma distância que não lhe permitia controlar com eficácia a entrada e a saída do porto e tendo a ação se desenrolado na madrugada, com o propósito de despiste e surpresa, foi o oficial de quarto da Fragata *Imperatriz* quem deu o sinal de “navio à vista”, pelo que seus tripulantes foram colocados em “postos de combate”.

Próximo à meia-noite, os navios argentinos, liderados pela Corveta *Veinte y Cinco de Mayo*, abriram fogo contra a Fragata *Imperatriz*. A intenção do Almirante Brown era abordar a Fragata *Nictheroy*. Desejava capturar o navio e incorporá-lo à Armada argentina. Mas tudo indica que se confundiu de alvo e, mais ainda, que não contava com a pronta reação da *Imperatriz* e de sua tripulação. Foram infrutíferas as tentativas de abordagem.

A resistência da Fragata *Imperatriz* impediu a sua captura, mas a custo da vida de um marinheiro e do seu comandante. Dando exemplo de luta para todos, Barroso Pereira ficara de pé, liderando a resistência. Até que, atingido mortalmente, deu as últimas ordens de manter o fogo.

A Esquadra brasileira, ouvindo os tiros de canhão, suspendeu. Esta movimentação fez com que o Almirante Brown abandonasse a luta, fugindo com seus navios, mas

deixando cerca de dez marinheiros que estavam sob seu comando e que morreram na indigitada empreitada.

Barroso Pereira, abatido em combate, com a valentia e o desassombro que demonstrara em toda a sua vida, tanto na Marinha de Portugal quanto na Marinha do Brasil, passou para a História como exemplo edificante de dedicação, até o sacrifício da sua própria vida.

CONCLUSÃO

No infeliz episódio da tentativa frustrada de sequestro da Fragata *Imperatriz*, perdeu-se também um dos comandantes pioneiros da Marinha do Brasil, no ápice da sua experiência em combates, aos 40 anos de idade. O Capitão de Fragata Barroso Pereira, que tombou lutando por sua pátria, por certo teria um futuro promissor na recém-formada Marinha do Império do Brasil, mercê do seu preparo, de sua grande experiência, apesar de novo, e de sua bravura.

Junte-se a tudo o que foi dito o fato marcante de o nosso herói estar entre um pequeno número de brasileiros natos com que Armada do Brasil contava naqueles tempos idos, no início da consolidação do Império, quando boa parte dos oficiais da Marinha era de origem portuguesa ou inglesa.

Uma breve síntese da história de Barroso Pereira pode ser apresentada na sequência seguinte:

- quando criança, em Minas Gerais, três anos;
- estudo e preparação para a Marinha, no Rio de Janeiro, 12 anos;

**Dando exemplo de luta,
Barroso Pereira ficara de pé, liderando a resistência.
Até que, atingido mortalmente, deu as últimas ordens de manter o fogo**



Bento Barroso Pereira
(Wikipédia)



CF Luiz Barroso Pereira
(Nomar-1988)

- Academia Naval e lutas na Marinha em Portugal, 15 anos;
- lutas e pacificação no Sul do Brasil, cinco anos; e
- lutas pela Independência na Fragata *Nictheroy*, comando da Fragata *Imperatriz* e combate final no Sul, cinco anos.

Com relação à fisionomia do nosso herói, o autor deste ensaio não obteve nenhuma outra imagem além da que é mostrada aqui: com o Uniforme da Marinha do Brasil, colocada lado a lado com foto de seu irmão, Bento Barroso Pereira – observa-se que são muito parecidos.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<NOMES>; Vultos Navais;

BIBLIOGRAFIA

- Biografia do CF Luiz Barroso Pereira, Barão do Rio Branco, 1861.
Nomar 451, set/1988, CF Barroso Pereira.
Vale dos Calçados, História da Fazenda Santarém, Pedro Viana Born, 2011.
Os Diamantes do Brasil, David Rabello, Wikipédia.
Familiares de Barroso Pereira – Wikipédia.
De Arraial do Tejuco a Diamantina – Jornal *A Voz da Serra* da cidade de Nova Friburgo, RJ.
Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil, Augusto de Saint Hilaire. Tradução de Leonam de Azevedo Pena, 1941.
A Última Campanha Napoleônica contra Portugal, José Custódio Madaleno Geraldo (oficial do Exército de Portugal).
O Erário Régio e a Real Extração de Diamantes, Júlio Pereira Furtado.